O Deus que envia

As reflexões que compartilho a seguir vêm de grupos com quem tive a graça de compartilhar a vida e a caminhada e com quem, mais de uma vez, me encontrei para buscar, na Palavra de Deus, a luz e a força para continuar.

Lembro o ano de 1978, recém-chegada ao Brasil e ao Amapá.

Lembro o curso de teologia para animadores de comunidades, da Diocese de Macapá.

Lembro-me de Sandro, lendo, com cerca de 40 agricultores, o capítulo 3 do Êxodo, refletindo, com eles, sobre o "Nome de Deus".

Desde então, muitos anos e muita vida se passaram. Os cursos se repetiram, inúmeros, no Brasil e na Pátria Grande, muitas vidas se cruzaram com a nossa.

Muda a conjuntura, mudamos nós, mudam os companheiros e companheiras que encontramos, como diz a música: "cambia, todo cambia"...

O que continua acontecendo é o milagre de pessoas capazes de mudar radicalmente sua vida, para aderir à palavra de Deus, enfrentando as conseqüências, muitas vezes dolorosas, desta opção.

Estas reflexões querem resgatar a riqueza desta Palavra e destes compromissos: ajudaram-nos a caminhar na fidelidade, a enfrentar dificuldades, a arriscar.

Desejamos que possam ajudar a outros.

"Pelo meu nome de Javé, não me conheceram" (Ex 6,3).

No livro do Êxodo, duas vezes é relatado o chamado e a missão de Moisés, nos capítulos 3 e 6.

Muda a situação, muda o lugar, mudam as circunstâncias, muda a fonte redacional. O que não muda é Deus e seu Projeto para o povo e para Moisés.

Vejamos:

– Deus se apresenta como o *Deus dos pais* (3,6), ele *vê, ouve, conhece a situação de opressão do povo* (3,7). Não é só o Deus de uma casa, mas dos *Hebreus*, de todos os oprimidos.

– Deus se apresenta como quem *desce para livrá-los* da opressão e *fazê-los subir a uma terra boa e vasta* (3,8).

– Deus se apresenta como quem *envia Moisés para fazer sair o povo do Egito* (3,10).

Não é um Deus definido teoricamente, mas conhecido a partir do que ele faz com seu povo. Isso se vê, isso não pode ser manipulado, isso é história, antes de ser teologia e dogmática.

Lembro como foi iluminador descobrir isso, como tudo ficou claro e evidente.

O catecismo e a dogmática tinham definições complicadas e incompreensíveis para falar de Deus Uno e Trino. Deus era algo tão misterioso que chegava a dar medo...

Agora, nesta página do Êxodo, Deus se torna, para nós, assim como para Moisés, alguém muito próximo, conhecido, alguém dentro da história e pronto para agir nesta história.

Nesta página, Deus se define, a partir de sua ação, que tem três características. Assim fica muito mais fácil entender que Deus é este.

Deus dos Pais, Deus que vinha caminhando com seu povo, para fazer dele uma grande nação e um povo tão numeroso que não se poderia contar.

Deus conhecido nos clãs de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca, de Jacó e suas esposas e concubinas, através da fertilidade dos rebanhos e das mulheres; encontrado debaixo das árvores grandes e perto dos poços. Experimentado na proteção contra os reis que atentavam à vida e propriedade dos grupos nômades e seminômades.

Este Deus, agora que o povo está no Egito, debaixo de dura servidão, parece nada poder contra a força e o poder dos reis do Egito. Moisés o conhece, acredita nele, mas... está escondido em Madiã, a pastorear o rebanho do sogro.

O Deus dos Pais e suas promessas parecem vencidos pela força do Faraó e seus capatazes, pela magia dos sacerdotes, pela quantidade de deuses.

"Eu vi a miséria do meu povo no Egito; eu ouvi seus clamores por causa de seus opressores; eu conheço suas angústias".

Isso é novo, isso é diferente do que Moisés já sabia: o sofrimento do povo tem causa e nome: chama-se opressão do Egito e Deus os conhece, os vê, escuta os clamores dos oprimidos.

É o mesmo Deus dos Pais, mas que não se contenta em tomar as dores de uma família, de um clã somente: agora Moisés o descobre Deus dos pobres, dos que gritam e não dos que fazem gritar, dos que gemem e não dos que fazem gemer, dos que sofrem e não dos que fazem sofrer, ele continua acompanhando o que se passa com eles, conhecedor da situação do povo e das causas dos sofrimentos. Bem dentro da história, da vida, dos acontecimentos.

"Por isso desci para libertá-los das mãos dos egípcios e para fazê-los subir a uma terra boa e vasta".

Agora sim, as coisas irão melhorar. Agora podemos voltar a acreditar nas promessas. Deus não estava vencido, nem escondido. Ele tem rosto, tem lugar, tem uma causa! Frente à nova situação, a realização das promessas do Deus dos Pais passa pela saída do Egito e pelo dom da terra.

Deus está aqui, onde está o povo clamando por causa de seus opressores e está com um plano de libertação e um projeto de vida numa terra boa e farta.

É tudo o que Moisés queria, mas não ousava nem sonhar!

Isso também é vida, é história, é realidade.

"Vai, pois, eu te envio ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo".

Por essa Moisés não esperava! Deus acabou de falar que desceu para libertar e já está enviando Moisés ao Faraó. Logo Moisés, que teve que fugir do Egito. Mas isso também é tão dentro da história, tão dentro da vida, tão próprio deste Deus que agora Moisés conhece pelo que faz e não pelo que dizem dele.

Assim Deus se revela, revelando seu projeto; nos revela seu Nome, revelando o que pretende fazer.

Por isso, até agora, não o conheceram como Javé.

Conhecer Deus como Javé significa conhecer um Deus que se revela nesta maneira trinitária de agir:

– Deus da história, que conhece o que se passa com o povo e dá ouvido a seus clamores.

– Deus que desce junto ao povo, com um projeto de libertação e de vida plena.

– Deus que nos envia, para realizarmos este projeto.

Acreditar em Deus, para a Bíblia, é acreditar neste Deus e não em outro. Acreditar em Javé é acreditar num Deus que age desta forma.

Tirar um destes aspetos é forjar um outro deus, ou continuar com El Shaddai, bom para os clãs, bom para os nômades, mas inútil na opressão do Egito.

Esta questão do Nome de Javé é tão séria, que é repetida várias vezes ao longo do capítulo 3 e sempre ligada à missão do envio de Moisés. Vejamos:

O nome de Deus é Javé, intraduzível para nós, reforçativo no hebraico: sou o que sou! Tô que tô, Aquele que Já Veio.

E acrescenta: Javé me enviou até vós, no v. 4, e de novo: Javé... me enviou até vós, no v. 15.

E finaliza: Este é meu nome para sempre. Esta será a minha memória, de geração em geração. Para sempre. Aquele que até agora era o Deus dos Pais passa a ser, para sempre, o Javé que envia.

Para todos, Deus agora é Javé, o que envia Moisés a libertar o povo. Parece que Javé só pode ser conhecido na medida em que Moisés assume e realiza sua missão. E isto não foi fácil para Moisés, assim como não é fácil para nós.

O capítulo 4 é a descrição da resistência que Moisés opõe ao chamado de Javé; desde as desculpas mais simplistas, como: eu não sei falar muito (4,10), até a recusa a ir (4,13).

Ao mesmo tempo, este capítulo nos mostra a pedagogia de Deus, para vencer as resistências de Moisés.

Moisés vai ser que nem o próprio Deus, capaz de fazer os mesmos prodígios e de falar as mesmas palavras. Junto a Aarão, Moisés será um deus! (4,16). Pois para Deus não existem obstáculos à realização de seu projeto. Nem nossos medos, nem nossas covardias e fraquezas podem impedir a ação libertadora de Javé, assim como toda a força do Egito não será capaz de deter o povo.

Por isso, a ira de Javé se acende contra Moisés, quando ele pede a Deus que busque outro para a missão (4,14). A recusa provoca a ira de Javé. Não são as

fraquezas, nem o medo, nem as desculpas, que irritam a Javé, mas sim recusar-se a assumir a missão de libertar o povo. Quem se recusa ao envio, deve enfrentar a ira de Javé.

Jesus o dirá de outra forma, não menos dura: "Todos os pecados serão perdoados, a não ser um: o que pecar contra o Espírito Santo, este não receberá perdão em eterno" (Mc 3,28-29).

É duro, é duríssimo, é intransigente, mas este é Javé.

O desafio para nossa fé, então, não é mais simplesmente acreditar num Deus dos pobres, que tem para eles um projeto de vida e liberdade, mas é também acreditar e assumir que este Deus nos envia a cada um e cada uma, para que este projeto se realize, vencendo nossas fraquezas e debilidades todas.

Isto está lá, desde o Êxodo.

Jesus virá para revelar e explicitar isso tudo, para realizá-lo em sua vida, para nos ensinar a chamar este Deus com seu Nome, mas desde o Êxodo este é seu Nome para sempre:

– Pai: assim chamamos o Deus criador, que caminha na história e conhece nossa vida e nossos sofrimentos.

– Filho: assim chamamos o Deus que desceu tanto e tão definitivamente, que se tornou gente, pobre, oprimido da Galiléia, para que nunca mais pairem dúvidas sobre qual é o lugar de Deus.

– Espírito: assim chamamos o Deus que nos envia e nos torna capazes de operar os mesmos prodígios e as mesmas obras de Deus, vencendo nossas fraquezas e medos, escancarando as portas e as janelas feito vento e inflamando nossos corações feito fogo.

Assim conhecerão a Javé, pois há alguém capaz de ir, lutar contra a opressão, para que o povo tenha vida e liberdade.

As mulheres o tinham intuído, quando optaram por temer a Deus e não ao Faraó, quando escolheram deixar viver os meninos, e não obedeceram à ordem de morte do rei. Esta é a fé que Moisés teve que assumir.

Ao longo dos séculos será assim: acreditar em Javé significará sempre assumir seu projeto.

A vida dos profetas é testemunho disso. O profeta Isaías o resume:

"O espírito de Javé está sobre mim...
porque Javé me ungiu:
enviou-me a anunciar a boa-nova aos pobres,
a curar os aflitos de coração,
a proclamar a liberdade aos cativos,
a libertação aos que estão presos
a proclamar um ano aceitável a Javé"... (61,1-2).

É isso: a unção de Javé, a presença atuante do espírito, é para o envio e o envio é para anunciar a boa-nova aos pobres.

No momento da volta do exílio, quando o grupo que volta tenta se reestruturar na terra e vários projetos de reconstrução entram em conflito, o profeta nos lembra aonde leva o caminho dos que se deixam levar pelo Espírito de Deus.

Boa-nova aos pobres é compromisso com os oprimidos e com sua libertação. É tornar possível, de novo, o ano de graça de Javé, isto é, o ano jubilar, o ano do perdão, o ano do resgate da terra e da liberdade aos cativos. É o projeto de Deus, retomado agora, depois do exílio, como critério para os que se deixam mover pelo Espírito.

Ser ungido por Javé é ser enviado pelo seu Espírito.

E isto significa deixar-se consagrar para o serviço da liberdade e da justiça. Uma unção que, longe de separar e hierarquizar, nos compromete com a mesma missão e vontade de Deus, de libertar seu povo. Unção não mais exclusiva de reis e sacerdotes, mas aberta a todos os que assumem o envio.

Assim será com Jesus, quando na Galiléia, aonde foi forçado pelo Espírito, assume para si este texto de Isaías e declara que: "Hoje se cumpriu esta escritura que acabastes de ouvir" (Lc 4,21).

Quando alguém se deixa empurrar pelo Espírito e assume a realização do projeto do Pai, então este projeto já está se realizando, a libertação acontece, os pobres têm vida. Isto não se dá sem dificuldades, nem de forma pacífica e tranqüila. Desde os tempos de Moisés, foi necessária toda a força e até a ira de Deus, para que ele fosse.

Com os profetas se passou o mesmo: desde Elias, que quer morrer, a Jeremias, que violentamente seduzido por Deus amaldiçoa o dia de seu nascimento, até Jesus, obedecer ao Espírito e assumir o projeto de Deus significa receber incompreensão, perseguição, morte.

São testemunhas disso os inúmeros mártires da história e de nosso continente. Lembramos um, entre tantos e tantas: "Tenho que assumir. Agora estou empenhado na luta pela causa dos pobres lavradores indefesos, povo oprimido nas garras do latifúndio. Se eu me calar, quem os defenderá, quem lutará a seu favor? Nem o medo me detém. É a hora de assumir. Morro por uma justa causa...." (Padre Josimo M. Tavares). Menos de um mês após esta declaração, foi assassinado.

No seu enterro, muitas pessoas assumiram o compromisso de continuar sua luta por terra, vida, liberdade...

"Vai tu, eu te envio ao Faraó", continua nos incomodando, nos assustando, nos empurrando, rumo às Galiléias e aos Nazarés de nossas realidades, lá onde há pobres clamando por causa da servidão.

É preciso crer e pedir a força de Deus, para que o medo e a fraqueza sejam vencidos; para não encontrar desculpas ou, pior, buscar outros caminhos, mais fáceis, menos exigentes e duros.

Se há clamor de povo, é porque há opressão. Se há opressão, é porque há faraó. Enquanto houver faraó, é necessário alguém ir até ele, para que deixe o povo sair, sabendo que ele o fará somente obrigado pela força!

É duro, é difícil, mas não há outra saída, para que o povo se liberte e para que Javé seja conhecido. O resto cheira muito a desculpas para não ir, ou quem sabe, ganhar tempo, na espera que apareça outro para ir. Todos nós somos mestres em arranjar desculpas para nossa covardia e comodismo.

Como vencer isso? Como encontrar forças para assumir? Como levar adiante o compromisso de nossos mártires?

Achei muito bonito quando, alguns anos atrás, a Assembléia da CPT/Comissão Pastoral da Terra do Norte 2 assumiu o compromisso de não deixar cair no

esquecimento os nossos mártires, de manter vivos sua luta, seu sacrifício, sua memória.

Assim, todo dia, somos confrontados com seu exemplo, somos interpelados, somos obrigados a verificar nossas práticas, a corrigir nossas ações.

É duro, é difícil, é exigente. Dá vontade, como Moisés, de fugir, de gaguejar, de... mandar outro.

Ninguém gosta de ser confrontado com a própria fraqueza e covardia, mas talvez seja a única maneira para conseguirmos ir, para manter o compromisso com o projeto de Deus, para conhecer a Deus como Javé, e não com outros nomes, mais fáceis e menos exigentes, mas que não seriam deus, e sim ídolos.

Mas então, como conseguir isso? Daí a necessidade do Espírito que nos empurre.

Nosso medo e covardia não são só nossos. Vêm de longe, vêm desde Moisés, desde os discípulos que depois da Páscoa continuam com as portas fechadas, por medo dos judeus.

O que os transformou?

Jesus veio no meio deles e, por duas vezes, lhes desejou a paz.

E logo em seguida: "Como o Pai me enviou, também eu vos envio". Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo..." (Jo 20,19-23). E, junto com isso, deu a ordem de perdoar os pecados.

Este trecho é bem interessante e carregado de significado, como é o jeito de João.

Primeiro é o dom da paz, logo em seguida o envio para a mesma missão de Jesus. Deseja-se a paz a quem recebe a tarefa de ir à luta e enfrentar a cruz! Parece contraditório, mas não para Deus!

Depois vem o sopro de Jesus sobre eles. Este sopro-Espírito de vida, que no Gênesis transformou o barro em gente, agora vai tornar este grupo de pessoas amedrontadas em gente capaz de enfrentar o sinédrio, as sinagogas, o império, o martírio.

Mas antes disso os torna capazes de perdão!

Não podemos reduzir este texto à instituição da confissão, assim como a entende a igreja romana, mas me parece termos aqui a outra vertente de quem assume e realiza o Projeto de Deus: a capacidade da solidariedade inquebrantável.

Se é fundamental a luta contra o faraó e o império, é indispensável a capacidade de perdão para o grupo que acredita no projeto de Deus. É a retomada do profetismo mais antigo: denúncia e solidariedade. A radicalidade da luta contra a opressão tem como contrapartida a radicalidade da solidariedade entre nós. É tão radical que condiciona a própria ação de Deus.

Assim como para o povo ser livre é necessário Moisés ir, assim para Deus perdoar é necessário nós sermos capazes de perdão!

É Deus tão dentro da história, tão próximo, que necessita de nós.

Este é o mistério, a mística de Deus: tornar-nos capazes de realizar seu plano, sermos Deus para nossos irmãos, pois ele é conhecido como Javé toda vez que alguém se dispõe a ir.

Isso é tão duro, mas ao mesmo tempo tão desafiador e empolgante!

E o testemunham as muitas pessoas que, a partir destas reflexões, tiveram a coragem de acreditar, de aceitar o sopro do Espírito, de mudar, de ir à luta, de perdoar.

Por isso sofreram perseguições, boicotes, calúnias. Por isso deram a vida, tornando mais próximo o reino de Deus que todos desejamos ver realizado.

Que o Espírito que envia nos faça cumpridores desta Palavra e não apenas anunciadores.

Teremos assim o dom da Paz.

Anna Maria Rizzante Gallazzi
Caixa Postal 12
68906-970 Macapá, AP

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS